

# A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## DOCUMENTOS

O grande tribuno e nosso emi-  
nente correligionario sr. dr. Alex-  
andre Braga escreveu, em 24  
de dezembro ultimo, ao *Diário*  
*de Noticias*, a seguinte carta:

Sr. director do *Diário de Noticias*  
e meu prezado amigo

Peço a v. a fineza da publica-  
ção do seguinte:

O *Diário de Noticias* de on-  
tem publicava um telegrama do  
Pôrto, com data de 21 do cor-  
rente, em que se dizia:

«Peço comunique aos nossos  
correligionarios e torne público  
que são absolutamente falsas e  
caluniosas as afirmações feitas no  
Congresso do P. R. P. pelo dr.  
Alexandre Braga, Antonio Maria  
da Silva e dr. Barbosa de Maga-  
lhães, transcritas nos jornais da  
manhã de hoje, terça-feira. Dem-  
onstrarei em breve, em comicio  
publico no Pôrto, com declara-  
ções de pessoas que estiveram  
em intimo contacto comigo, que  
nunca fiz projecto algum de mo-  
vimentos revolucionarios contra  
o dr. Afonso Costa, nem propuz  
movimentos de retraimento, ten-  
do como base a não participação  
na guerra, como demonstrarei a  
quem nessa hora abandonou a  
República. Até ao comicio, ofe-  
reço, contra as palavras calunio-  
sas, os meus actos durante esse  
periodo.»

Não respondi desde logo ás desa-  
bridas palavras atribuidas ao sr.  
dr. Alvaro de Castro por se me  
afigurar que, na informacão dada  
pelo jornal de v., haveria qual-  
quer equívoco, pois não podia  
acreditar que um homem culto,  
como o sr. dr. Alvaro de Castro,  
com a consciencia das responsa-  
bílidades que correspondem á sua  
alta situação politica, praticasse a  
levandade de, precipitadamente,  
vir a publico taxar de falsas e  
caluniosas afirmações que s. ex.º  
não conhece, basando-se apenas  
em confusas e até contraditorias  
noticias dos jornais.

A publicação, na integra, do  
discurso que pronunciei, no Pôr-  
to, no Congresso do Partido Re-  
publicano Portugues, estava anun-  
ciada, e licito era esperar que o  
sr. dr. Alvaro de Castro aguarda-  
sse essa publicação, para, com  
segura base, poder opôr ás mi-  
nhas palavras os desmentidos que  
julgasse merecerem-lhe.

Limitei-me por isso — e quando  
uma entrevista, que me foi solici-  
tada pelo jornal *O Mundo*, me  
ofereceu, para tanto, um occasi-  
onal ensejo — a manifestar a minha  
estraneza pela precipitada levan-  
dade do desmentido que o *Diá-  
rio de Noticias* attribuiu ao sr.  
Alvaro de Castro.

Hoje, porém, pela carta publi-  
cada no *Diário de Noticias* e di-  
rigida pelo sr. Alvaro de Castro  
ao sr. presidente do Ministerio,  
vejo que, de facto, o chefe do  
Partido Constituinte classifica,  
não já de falsas e caluniosas,  
mas so de injustas, as referencias  
(que não determina) feitas por  
mim ao seu nome no discurso  
que pronunciei.

Estou, pois, em face de um  
documento, não apenas attribuido

ao sr. dr. Alvaro de Castro, mas  
que é por ele assinado, e, portan-  
to, indiscutivelmente, de sua au-  
toria.

Nesse documento, o sr. dr.  
Alvaro de Castro não determina,  
é certo, quaes as referencias que  
reputa injustas, mas, não desmen-  
tindo o telegrama transcrito no  
começo desta carta, autoriza-me  
legitimamente a pensar que s. ex.º  
o perfilha, menos na parte em  
que substitui as palavras «falsas  
e caluniosas» pela palavra «in-  
justas».

Cuido, assim, ter desde já o  
direito de responder ás acusações  
do sr. dr. Alvaro de Castro, sem  
que a minha resposta possa raso-  
avelmente ser havida por leviana  
ou precipitada.

Demais, de roda deste inciden-  
te começa de esboçar-se uma  
ameaça de crise ministerial, e eu  
não desejo que, pelo meu silencio,  
possa attribuir-se-me qualquer res-  
ponsabilidade num facto politico  
de tal importancia e gravidade.

Nestas condições, cumpre-me  
fazer saber que as conclusões tiradas pelo sr. dr. Alvaro de Castro das transcrições do meu dis-  
curso, feitas nos jornais da ma-  
nhã da passada terça-feira, são  
inexactas, pois não affirmei:

a) — que o sr. dr. Alvaro de  
Castro, ou quem quer que fosse,  
houvesse feito projectos de mo-  
vimentos revolucionarios contra  
o sr. dr. Afonso Costa.

b) — que o sr. dr. Alvaro de  
Castro, ou quem quer que fosse,  
propuzesse movimentos de retrai-  
mento, tendo como base a não  
participação na guerra.

Affirmei, apenas, e mantenho  
essa affirmacão, que um dos diri-  
gentes dos movimentos revolucio-  
narios contra o sidonismo trans-  
mitiu para França, em determi-  
nado momento, ao sr. dr. Afonso  
Costa, a sua persuasão de que  
não seria possível aliciar suficien-  
tes elementos militares para a  
revolução projectada, se es-a re-  
volução tivesse como base a con-  
tinuação da nossa participação na  
guerra.

As minhas palavras deram lu-  
gar a uma interrupção do sr. An-  
tonio Maria da Silva, feita nos  
seguintes termos, ou equivalentes:

—«Eu não tenho odio a nin-  
guem. Não é, pois, por odio que  
falo, mas unicamente porque sou  
a isso forçado para evitar que das  
palavras proferidas pelo dr. Alex-  
andre Braga, possa resultar uma  
confusão de individualidades».

É relatou então o que, segun-  
do afirma, se havia passado numa  
reunião do Directorio com o sr.  
dr. Alvaro de Castro, relato esse  
que foi confirmado pelo sr. dr.  
Barbosa de Magalhães.

Ao tempo eu nada sabia, e na-  
da sei ainda do que se diz passa-  
do nessa reunião do Directorio.

De resto, não pronunciei, em  
todo o meu discurso, o nome do  
sr. dr. Alvaro de Castro senão  
para, depois da interrupção do  
sr. Antonio Maria da Silva, o de-  
fender, afirmando que um erro  
de apreciação quanto a determi-  
nado acto não era motivo que  
autorizasse a ninguém a diminuir o  
conceito merecido pelo caracter  
dum homem e pelo seu procedi-  
mento como republicano.

Apesar, porém, de não haver  
afirmado na reunião do Congresso  
que as minhas palavras se refe-

riam ao sr. dr. Alvaro de Castro,  
devo hoje lialmente declarar, da-  
da a situação criada pelos desa-  
bridos e ruidosos desmentidos de  
s. ex.º, que foi a ele, de facto,  
que quiz referir-me e que mante-  
nho, não o que quiz attribuir-se-  
me, mas o que realmente disse,  
como referi.

Resta-me dizer ao sr. dr. Al-  
varo de Castro que, se as equi-  
vocas palavras do seu telegrama,  
em que se refere «a quem nessa  
hora abandonou a Republica»,  
querem atingir-me, s. ex.º errou  
desastradamente o seu golpe.

Eu não tenho por habito servir  
a Republica, campainhando, o  
«reclame» das minhas atitudes,  
como «clown» em barraca de fei-  
ra. A minha dedicacão de repu-  
blicano é obscura e discreta, e  
não alega serviços para reclamar  
direitos a situações ou recompens-  
as.

Porque a minha dedicacão é  
silenciosa e se esquivava a exhibi-  
ções que repugnam ao meu feito de  
concentrada reserva, eu reconheço  
nos outros o direito de desco-  
nhê-la, mas não o de preten-  
der amesquinhá-la.

Eu não abandonei a Republi-  
ca, sr. dr. Alvaro de Castro. Se  
não foi a Republica que quiz es-  
corraçar-me, foram os republi-  
canos, que diziam representá-la  
no tempo do sidonismo, os que  
me escorraçaram a mim.

Eu vim até elles, afrontando  
todos os perigos, quando podia  
deixar-me ficar tranquilo no es-  
trangeiro. Atravessi todo o nor-  
te do pais e vim até Lisboa, on-  
de cheguei no dia da coroação  
de Sidonio, como presidente.  
Dirigi-me a quantos republicanos  
pude encontrar, e não foi por  
minha culpa que não encontrei o  
sr. dr. Alvaro de Castro. A todos  
fiz saber os fins que me traziam  
e: informar-me do estado dos  
trabalhos revolucionarios para o  
comunicar ao sr. dr. Afonso  
Costa, e pôr-me incondicional-  
mente á disposição do partido,  
reclamando um lugar de simples  
soldado.

Esperava-me uma decepção  
dolorosa: — a de reconhecer que  
os meus desinteressados serviços  
se tinham como dispensaveis, as-  
sim como os do sr. dr. Afonso  
Costa.

Convencido de que uma revol-  
ução, destinada a proclamar uma  
Republica que para nada precisava  
dos serviços do sr. dr. Afonso  
Costa, não proclamaria jámais a  
verdadeira Republica, aquela por  
que eu me acostumei a lutar e a  
sofrer muito antes de, pela primei-  
ra vez na minha vida, ter ouvido  
falar no nome do sr. dr. Alvaro  
de Castro, reconheci, tristemente,  
que eram coerentes e tinham raz-  
ão aqueles que, nos julgavam nu-  
los valores para a restauração de  
uma Republica.

E, silenciosamente, retomei o  
caminho do exilio.

Mas, porque a minha fé na ver-  
dadeira Republica e nos seus des-  
tinos é inquebrantavel, de lá conti-  
nuo a pôr-me á disposição de ou-  
tros republicanos, esperando em  
que surgisse o momento da auten-  
tica e unica Republica.

Veio, afinal, a Republica que dis-  
pensava os meus serviços e os do  
sr. dr. Afonso Costa, e, para que  
eu lhe visse bem a chancela, man-  
dei-me dizer que não viesse para cá.

Não acedi a este desejo. Vim, de  
facto, para Portugal; mas fiz-lhe a  
vontade no resto: — não forcei as  
portas duma Republica que me ti-  
uha dado com elas na cara.

A minha fé, porém, perdura inal-  
teravel. Ha de fazer-se uma Repu-  
blica que não exclua ninguém, em  
que caibamos todos á vontade, sr.  
dr. Alvaro de Castro. Deixem os  
homens de pensar apenas nas suas  
pequenas vaidades e ambições  
pessoais, para pensarem exclusi-  
vamente nos altos e sagrados inte-  
rêsses da Patria e da Republica.

Foi esta a obra que eu me es-  
forcei por preparar no ultimo Con-  
gresso do Partido Republicano Por-  
tugues.

Recebi má paga de onde menos  
devia esperá-la.

Apesar disso, continuarei a tra-  
balhar pela minha Republica, por  
aquela em que todos os homens de  
bem possam viver livremente, lado  
a lado, e sem se escocinharem  
uns aos outros.

Agradecendo a V., com toda a  
consideração, etc., amigo e admi-  
rador

Alexandre Braga.

Do relato, publicado no *Pri-  
meiro de Janeiro*, do comicio  
realizado no teatro Carlos Albe-  
rto, transcrevemos o seguinte:

O orador (dr. Alvaro de Castro)  
lá em seguida á assembleia, no  
maior silencio, a resposta que ha-  
dia recebido, em telegramas do dr.  
Afonso Costa, á pergunta concreta  
que ele lhe dirigiu sobre o assunto,  
e que é como segue:

«Postos estes factos e respon-  
dendo agora concretamente á sua  
pergunta, declaro não ser exacto  
que V. Ex.º me mandasse propôr  
que o movimento tivesse como  
base a não ida para a guerra dos  
officiaes que nela entrassem ou não  
continuação da participação na  
guerra, e é apenas verdade que  
V. Ex.º julgava não ser possível  
pôr em prática a minha orienta-  
ção de que o movimento só deve-  
ria fazer-se com o compromisso  
prévio da intensificação da parti-  
cipação na guerra. — (a) AFONSO  
COSTA.»

O sr. Dr. Alexandre Braga fez  
publicar mais as seguintes cartas:

—Tendo lido a carta por V.  
Ex.º publicada no «Diário de No-  
ticias» de 24 do corrente mês de  
dezembro, que V. Ex.º me en-  
viou, declaro, satisfazendo o seu  
pedido, que as afirmações de V.  
Ex.º, contidas na mesma carta,  
e referentes a uma communicacão  
que me foi feita para França, pelo  
Ex.º Sr. Dr. Alvaro de Castro,  
por intermedio de pessoa de abso-  
luta confiança, são conformes com  
a verdade do que a tal respeito  
se passou, e que foi o seguinte:

Já depois de 9 de abril de  
1918, estando eu emigrado em  
França, comuniquei por escrito  
ao Directorio do P. R. P., e man-  
dei dizer a V. Ex.º, ao Sr. Dr.

## Noticiario

### Consortio

No dia 5 do corrente, consor-  
ciou-se, na vila da Povia de Var-  
zim, o nosso amigo sr. Alfredo  
Francisco dos Santos Graça, esti-  
mado guarda-livros, com a sr.ª  
D. Lina Ferreira Guimarães, estre-  
mecida filha do nosso amigo e  
correligionario, sr. Manuel Ferrei-  
ra Guimarães, proprietario, desta  
cidade.

O registo civil efectou-se na  
morada do nubente. Aos noivos  
desejamos uma perene lua de  
mel e ao nosso amigo Ferreira  
Guimarães apresentamos as nos-  
sas felicitações.

Alvaro de Castro, e aos demais  
dirigentes do movimento de com-  
bate ao dezembrismo, que esse  
movimento devia fazer-se, tendo  
como principal objectivo o im-  
mediato refôrço dos nossos electivos  
na frente Ocidental, e a intensifi-  
cação da nossa cooperacão na  
guerra, de maneira a readquirir-  
mos a honrosa situação por nós  
alcançada antes do dezembrismo.

Não tendo a revolução esta fi-  
nalidade, e não se realizando com  
este prévio compromisso, julgava  
eu preferivel não a fazer, pois as-  
sim só ao dezembrismo caberia  
uma responsabilidade que, sendo  
restabelecida a Republica Consti-  
tucional, ficaria a pesar sobre  
toda a nação.

Algum tempo depois de ter  
enviado para Lisboa esta comuni-  
cação, tive conhecimento por in-  
formação de absoluta confiança,  
de que o Ex.º Sr. Dr. Alvaro  
de Castro entendia que se se dis-  
sesse que a revolução seria feita  
com o objectivo principal de re-  
fazermos os nossos effectivos nos  
campos de batalha, não se obte-  
riam as adesões para se realizar  
com exito, julgando portanto S.  
Ex.º preferivel não falar nisso.  
— (a) AFONSO COSTA.

—Em junho de 1918, tendo  
procurado nas Caldas da Fel-  
gueira o Ex.º Sr. Dr. Alvaro de  
Castro, para lhe comunicar, da  
parte do Ex.º Sr. Dr. Afonso  
Costa, que este entendia que a  
revolução só deveria fazer-se sob  
prévia condição essencial de se  
intensificar imediatamente a nossa  
participação na guerra, por aque-  
le Ex.º senhor me foi affirmado  
que supunha não ser possível al-  
cançar concurso suficiente para  
que o movimento triunfasse, se  
se apresentasse essa condição, e,  
portanto, julgava melhor conse-  
guir primeiro a revolução e tratar  
em seguida desse objectivo. — (a)  
FERNANDO DE CASTRO.



**Centro Republicano de Guimarães**

Reunir no passado dia 2, pelas 22 horas a Assembleia Geral deste Centro, para a eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Constituída a mesa, sob a presidência do nosso presado correligionario sr. Antonio Francisco Ferreira de Castro, secretariado por os srs. João de Almeida Bravo e Antonio de Jesus Teixeira, deu-se principio ao acto, verificando-se o seguinte resultado:

**ASSEMBLEIA GERAL**

Antonio B. Abreu Guimarães  
Presidente.

Francisco Gonçalves da Cunha  
1.º secretario.

Manoel F. d'Oliveira e Castro  
2.º secretario.

**DIRECÇÃO**

Antonio Francisco F. de Castro  
Presidente.

João d'Almeida Bravo  
Secretario.

Antonio Ferreira  
Tesoureiro.

Antonio d'Oliveira e Silva  
Jacinto da Silva Guimarães  
Augusto

**SUPLENTE**

Antonio de Freitas Santos  
Albino Pereira Cardoso

Confiamos em que a nova Direcção não deixará de seguir o caminho traçado pelos seus antecessores, para o engrandecimento do nosso partido, a Redacção de «A Velha Guarda» apresenta-lhe sinceros cumprimentos.

**Banemerência**

Do sr. administrador do concelho recebemos mais a quantia de cinco escudos, para os nossos pobres, contemplando os seguintes:

- Antonio de Carvalho, paralítico, da rua de D. João, 750; Ana Rosa, viúva, da rua da Liberdade, 750; Francisco Ribeiro de Castro, viúvo, do Monte, 750; Rosa de Jesus, casada, dos Palheiros, 750; Maria Macães, viúva, da rua Elias Garcia, 750; Rosaíma da Silva, viúva, da rua Egas Moniz, 750; Margarida da Silva, solteira, da rua Padre Galdas, 750; Josefa Maria Machado, viúva, da rua Conceição Fernandes, 750; Carlota Rodrigues, solteira, Varandas, Fermentidas, 750; Maria Joaquina, viúva, rua da Liberdade, 750.

Ao sr. administrador do concelho agradecemos, em nome dos pobres, a oferta que se dignou enviar-nos.

**José de Castro Ferreira Lobo**

Esteve ultimamente em Lisboa, aonde foi fazer provas para sub-inspector primario o nosso presado amigo e correligionario sr. José de Castro Ferreira Lobo, mui digno professor da escola primaria official da freguesia de Lordelo, deste concelho.

Os nossos cumprimentos.

**Trauliteiros e Dominguitas**

Dizem-nos de Guimarães que o «célebre clarim» de Paiva Conceiro, Alvaro Pinto de Almeida, se encontra sob os tectos de um dos marchais dominguistas daquela cidade, o sr. José Ladeira Guimarães.

Para os leitores avaliarem quem é esse «célebre clarim», basta dizermos que em 1912, fez parte das tropas realistas, que se armaram em Espanha, no movimento de 27 de agosto de 1915 foi um dos assaltantes do quartel de infantaria 20, onde ficou preso, evadindo-se pouco depois e durante o sidonismo na «Traulitania», pertencendo a policia de Braga foi um dos que perseguiram a tiro o velho republicano, sr. Simões de Almeida.

Querem-na melhor? Hoje, um dos membros mais cotados do partido dissidente em Guimarães, alberga-o em casa.

Que baixeza de caracter! (Do «Noticias do Norte»).

**Pedido de aumento**

Os operarios da Construção Civil, desta cidade, tendo em vista a alta sempre constante de todos os generos alimenticios, pediram 50 0/0 sobre os actuais salarios.

Em virtude deste pedido, reuniu a Associação de Classe dos Mestres das Quatro Artes de Construção Civil, para apreciar o mesmo pedido, resolvendo por unanimidade conceder-lhe o aumento de 25 0/0, desde o dia 10 em diante.

**O cinema perante o Vaticano**

**S. João Baptista patrono dos cinematografos**

S. João Baptista, o santo irradial das donzelas casadoiras, cujos rostos assestados e vicejantes, ele faz lavar á meia noite em ponto e cujos corações ingénuos ele deixa palpar, jubilosos, na sugestão das quadras de pé quebrado ostentadas pelos mangericos nos cravos de papel; S. João Baptista, o filho de Santa Izabel, o penitente do deserto ate á annunciação do Messias, foi quem o pápa acaba de nomear «patrono dos cinematografos», especie de «alto commissario celeste» nos salões cinematograficos mundiais!

O popular santo da devoção feminina, terá pois, d'oravante, de andar pelos cinemas d'aquem e d'além mar, com o respectivo cordeirinho no regaço, na fiscalização moral dos amadores da arte do silencio.

Nada consta dos proventos do novo cargo, pcrventura estipulados pela suprema graça pontificia; mas, pelo menos, S. João Baptista assumindo as omnipotentes funções de «patrono dos cinematografos», passou a ter pelo menos, em todos os salões entrada permanente e... gratuita.

**Grupo Musical**

Um grupo de amadores da arte musical, acaba de organizar o «Grupo Musical Vimaranesense Santa Cecilia», que andou dando as Boas-festas, nos passados dias 5 e 6, e cujo produto liquido reverte a favor dos desamparados da sorte.

Larga vida lhe desejamos.

**Subsistencias**

Nos ultimos dias tem-se notado bastante falta de pão nas padarias desta cidade, constando-nos que o sr. administrador do concelho, vai fazer aquisição de farinha de 2.ª qualidade, para o fabrico do pão de 2.ª, que será fornecido ao publico pelos padeiros ao preço de Esc. \$45 o quilo.

**VELHARIAS**

**VIMARANENSES NOTAVEIS**

**O pontifice S. Damasco**

(Continuado do n.º 118)

Foram tempestuosos os primeiros dias do seu pontificado, não só pelos ardis e cavilosas machinacões dos seus ambiciosos antagonistas, senão tambem pelos variados scismas que nessa época inquietavam a Igreja romana. Mas S. Damasco, asculado pela viriude e consumada sciencia, conseguiu vitoriar dos seus inimigos e confundir os scismaticos em varios concilios, sendo no seo de Constantinopla, convocado por Santo Axathon, e nomeado Damasco, Adamans, Fider, o Diamante da Fé.

No seu tempo floresceram Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Santo Anthonio de Leônia, Santo Arsonio Abade, Santo Ascolo de Tessalónica, S. Basilio, S. Cirilo de Jerusalem, Santo Efron Edesseno, S. Epifanio, Santo Balogio, Santo Enzelio Naxcelense, S. Gregorio Nazianzeno, S. João Crisostomo, S. Jeronimo, seu ultimo amigo e secretario, e outros não menos notaveis que, para resumir, se não citam.

Entre estes vultos respeitabilissimos nas sagradas letras, destacava-se o melito pontifice, gastando o pouco tempo que lhe restava do governo da Igreja, em levantar a sciencia e as letras monumentos imorredouros. Entre as suas obras anda hoje são conhecidas inuitas «Epistolas», que veem acompanhadas de notas da sua vida na «Biblioteca dos Padres», varias obras poeticas de sublimada erudição, e o resumo de alguns volumes de ambos os «Testamentos», em verso hexametrio, huc se encontram no arquivo da Igreja de S. Pedro.

As bellas artes consagradas a basilica de S. Lourenço, in Damasco, junto do teatro de Pompeu, entra na via Ardeatina extra-muros de Roma, no luter em que foram sepulados S. Pedro e S. Paulo, hoje chamada de S. Sebastião.

Concluiu a basilica de Santa Rufina e Secunda, levantou na basilica Vaticana uma fonte baptisimal de primorosa fabrica; e reedificou finalmente os aqueductos, que a voracidade dos tempos lioha deteriorado.

Aculto externo deu notaveis reformas, instituido a festa de Nossa Senhora da Assumpção, fazendo varias alteraçoes no sacrificio da missa, que ainda hoje se observam, como são o Credo, Aleluia, Psalmos, a Gloria, etc. Archetipo d'angelicas virtudes, assim honrou em gran sublimidade a nossa patria, e illustrou a Igreja de Deus tão digno varão, que gover-

nara dezotto anos, dous mezes e oito dias, descansando no Senhor a 11 de dezembro de 374 com 80 anos de idade.

Sepultado no seu jazigo na basílica de Santa Rufina, junto das restos mortais de sua mãe e de sua irmã, Santa Irene, foi a 30 de setembro de 1645 trasladado pelo cardeal Francisc. Barberino para um sumptuoso mausoleu de bronze com o seguinte epitafio:

Sub hoc altari condita sunt Corpora S. Damasi P. P. et confessoris Et S. Christi Martyris Eufichii

Numeras inscrições epigraphicas comemoram ainda hoje em Roma o glorioso pontificado do Papa Vimaranesense, como se vê no curioso opusculo do indefesso dr. Pereira Caidas—«Monumentos Epigraphicos de Roma, exalgadores da memória do Papa S. Damaso, prodigio Vimaranesense», e ainda nas obras «Sancti Damasi Papa opuscula et Gestá, iterum collecta et illustrata, Roma 1754. em Damasus et Laurentius hispanis asserti et vindicati, Roma 1756, e em Sancti Damasi Papa opera cum notis».

Se outras terras disputam para si a honra de berço de tão famoso varão, os seguintes testemunhos, extraídos do n.º 8 do «Museu Pitoresco», comprovam, que só a Guimarães pertence esta aurea gloria.

O nosso André de Rezende, na sua «Epistola a Kebedo», conego da sé tuletana, afirma que o antigo Guimarães fora a patria de S. Damasco: «Inter Visela et Avic confluentes Vimaranesis est civitas, Sancti Damasi Pontificis, quondam Patria».

Na catedral de Evora existe um lizo muito antigo, em que é lido Guimarães como o seu solo natalicio, segundo refere o citado Rezende.

D. Luiz de Souza, no tempo em que esteve embaixador em Roma, donde viera eleito para arcebispo de Braga, afirma ter visto na curia o «Catalogo dos Pontifices», e que nele achára nomeado o nosso S. Damasco por natural de Guimarães, como igualmente se deixava ver gravado na sua lousa sepulcral.

João de Barros, autor das «Antiguidades da provincia de Entre Douro e Minho» diz que este varão, tivera o seu nascimento no couro de Pedralva, entre Guimarães, Braga e Lanhoso.

(Conclue)

**ANÚNCIOS**

**Agradecimento**

Maria Martins Mendes, proprietaria, desta cidade, agradece muito reconhecida á Companhia de Seguros «Sages» a forma rápida e satisfatória como o seu correspondente sr. Jeronimo Sampaio liquidou os prejuizos causados com a manifestação de incendio em um preadio seu, coberto pela mesma companhia.

Guimarães, 31 de Dezembro de 1920.

Maria Martins Mendes.

**Papel de impressão**

Egual ao deste jornal, por preços inferiores ao da fabrica, vende-se na casa Jordão, Guive & C.ª —Guimarães.

**CASAS** Vendem-se duas com bons quintais, situadas na estrada de Guimarães a Costa.

Trata-se na rua Egas Moniz n.º 6 desta cidade.

**EDITAL**

**JOSÉ MARIA GOMES ALVES**  
Chefe da Secretaria da Camara Municipal de Guimarães

Faço saber, nos termos e para os efeitos dos artigos 11.º do Código Eleitoral e 1.º da Lei n.º 294 de 20 de Janeiro de 1915, que o periodo para a inscrição no recenseamento politico no proximo ano de 1921 começará no dia 2 de Janeiro e terminará no dia 28 de Fevereiro proximo, podendo inscrever-se como eleitores, alem dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos ou que completarem essa idade até 8 de Julho de 1921, que estejam no gozo dos seus direitos civis e politicos, sabiam ler e escrever portuguez, e residam no territorio da Republica Portuguesa.

Os requerimentos para a inscrição no recenseamento deverão mencionar a filiação, estado, profissão, naturalidade, dia de nascimento dos requerentes e local onde foi feito o respectivo registo e, ou ter a letra e assinatura reconhecidas por notario, ou ser escritos e assinados perante o presidente da Junta de freguesia, das suas residencias.

Juntação aos seus requerimentos:

- 1.º Certidão de idade nas condições legais ordinarias ou conforme o modelo n.º 3;
- 2.º Atestado de residencia conforme o modelo n.º 4, passado pela Junta de freguesia ou regedor que prove que o requerente reside ha mais de seis mezes na freguesia por onde requer a inscrição.

Os requerimentos e documentos são todos isentos do imposto do selo e de quaisquer emolumentos ou salarios, desde que sejam somente passivos e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, 23 de Dezembro de 1920.

O Chefe da Secretaria da Camara

José Maria Gomes Alves

F... (nome, filiação, estado, profissão, naturalidade.) filho de F..., nascido no dia... de... de 19... e registado na freguesia de... sabendo ler e escrever, residindo ha mais de 6 mezes nesta freguesia, de... pretende ser inscrito no recenseamento eleitoral.—Pedé deferimento.

**Ouro Velho**

Compra-se pelo maximo preço, Rua da Liberdade n.º 5—2.º.